



ÍNDICE

ESTRELA DO SUL

CHEIRO VERDE

A PONTE

BOCA DE MULHER

SEM PALAVRAS

DIZER ADEUS

SONS NOTURNOS

POEMA DE AGOSTO

CRIANÇA

CORAÇÃO, HÁ CAMINHO?

CATA-VENTO

AUSÊNCIA

29 DE AGOSTO ( PARA BIA )

RESPOSTA A AUGUSTO

BORBOLETA

MINAS (PARA MILTON NASCIMENTO)

## **APRESENTAÇÃO**

No fundo, bem no fundo todos nós queremos mudar, buscamos mesmo inconscientes a transformação redentora, o sonho repetitivo, escondido e reprimido.

Metamorfose completa, de felpuda e urticante lagarta a bela colorida borboleta, mas com o poder de cegar aqueles que suas asas tocarem.

O que na maioria das vezes nos falta é coragem para enfrentar o trauma que toda mudança traz em seu bojo.

Assim continuamos batendo de frente com as coisas/pessoas/lugares/situações que nos machucam.

Mas a certeza da mudança por si só redime; é um grande alento.

"Um Dedo de prosa, um pouco de verso" é uma mudança, metamorfose completa sem medo, sem susto. É um pouquinho de cada minuto de minha vida, do real ao imaginário-real, vivido, sonhado, sentido.

Uma pausa, amigos, para um dedo de prosa e um pouco de verso.

Sem cronologia, escolhidos ao acaso, um completa o outro de um jeito assim, ou de um jeito outro.

*William Henrique Stutz*

## **DEDICATÓRIA**

Para Bia minha sempre Beatriz, para Mariana, para João Lucas, meus amores, minha vida..

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Agradeço de coração minhas amigas  
Anna Christina Saeta de Aguiar,

"Clara" Clarice Villac, grande amiga sempre presente, pelo apoio e paciência de revisar tudo, e

Vera Vilela sempre tão perto.



A todos meus IIr.., CCunh.. e SSobr.. da Aug..  
Resp.. Lj.. Simb.. Cláudio das Neves do Or.. de  
Uberlândia - Minas Gerais

## **Estrela do Sul**

A primeira chuva caiu.  
Goteiras em meu telhado centenário vindos  
da Estrela do Sul, tão centro oeste.  
A chuva cai e ouço;  
Atento.

Quantas pedras de brilho sob vocês  
foram trapaceadas?

Quantos gemidos de amor sussurrados  
em catres barulhentos impregnaram seu barro colorido?

Depois das primeiras chuvas vocês, como taruínas  
mudam de cor.

Capa e Bica com seus segredos.  
Umhas com os olhos no céu, outras com os olhos em mim  
e em mortos portugueses.

## **Cheiro verde**

"São noites de silêncio / Vozes que clamam num espaço  
infinito / Um silêncio do homem e um silêncio de Deus"  
(Frei Tito)

Revejo minha vida,  
Escolhas, posturas, aflições.

Tento lembrar de arrependimentos mais fortes,  
Não os encontro.

Queria morar na praia, beira-mar;  
coisa de mineiro;  
coisa da evolução da espécie.  
Devaneio.

Do mar viemos, a ele queremos voltar.

Hoje aqui na mata sinto um cheiro de chuva e de verde.

Me viro na rede alta à espera dos bichos da noite.  
Ao longe vejo o clarão da cidade/viva/agitada/vazia.  
Rude.

Gosto da noite.  
As nuvens cada vez mais baixas estão brancas na noite-breu.  
Quase as toco.  
Espero meus bichos, eles virão como sempre me fazer  
companhia.

Já escuto seus sons, silenciosas asas se aproximam e sopram deliciosas palavras – que só eu entendo – bem junto de meus ouvidos.

É tão bom estar vivo  
E eu os respondo com orações e lágrimas.  
Agradeço todo dia ao Altíssimo por me ceder momentos só meus.

## **A ponte**

Ele sempre quis saber o que havia do outro lado. Ligando uma margem à outra havia uma ponte. Era uma ponte de madeira, beiral caído e algumas tábuas soltas, nada de especial, não chamava atenção.

Tinha sido construída há muito tempo e pouco era usada, pois depois da mudança do traçado da nova rodovia ela tinha ficado meio que isolada, no meio do mato, ligando nada a lugar algum. Eventualmente algum tropeiro ou peão-do-trecho a usava para cortar caminho, mas rara, muito raramente.

Não era muito alta mas uma queda podia ser perigosa, pois o córrego era raso e as águas cristalinas que corriam sob sua estrutura abrigavam muitas pedras. Em uma de suas cabeceiras a vegetação tomava conta, samambaias imensas, escondiam pequenas teias de aranha que pela manhã brilhavam orvalhadas como pedras preciosas. Algumas moitas de trevos espalhavam-se junto aos moirões de apoio e em uma de suas pinças de madeiras havia uma grande caixa de marimbondos.

Ele gostava de ficar observando a outra margem, sempre quis saber o que havia do outro lado. Espiava curioso os aglomerados de árvores, os contornos, as sombras. Sons, muitos sons vinham do outro lado da ponte. Cantos, rugidos, piados. E ele queria saber o que havia lá, era seu sonho, era sua obsessão. Toda tarde ele se apoiava em um galho e ali, quieto ficava a olhar o lado de lá. Por várias vezes criou coragem e ensaiava enfrentar o trecho e realizar seu sonho, mas no instante derradeiro, por medo desistia, e esse medo o enfraquecia, sentia que se não o enfrentasse a sua vida não teria sentido. A ponte era seu desafio maior.

Naquele dia acordou decidido, faria a travessia, saberia enfim o que havia do outro lado. Esperou ansioso a chegada da tarde, o sol estava diferente aquele dia, as nuvens mais brilhantes, uma brisa fria tocou

seu corpo; sentiu cheiro de chuva.  
Não se apoiou em seu galho preferido naquele dia, com o pequeno coração em disparada recostou-se na própria ponte e esperou. A noite chegava convidativa, as primeiras estrelas já se faziam anunciar, tênue brilho, esmeraldas e turmalinas.

Tinha chegado o momento da sua grande travessia, ele sabia disso, iria finalmente saber o que havia do outro lado. Ergueu a cabeça, respirou fundo, fechou os olhos, se postou para a arrancada.

Qual a sua decepção; bateu subitamente um medo incompreensível, irracional, não conseguiu se mover. Lutou desesperadamente contra esta força que o impedia de avançar, sem sucesso. Resignado deitou no chão e ali se deixou ficar por muito tempo - sofria.  
Se fez noite e vaga-lumes já riscavam o ar bem próximos de sua cabeça. Suspirou e deu uma última olhada para a ponte - apenas um vulto negro agora sem linhas, sem contorno, sem graça, obstáculo. Ainda não foi desta vez que conheceria o que havia do outro lado. Outras oportunidades viriam pensou, outras chances.

Levantou-se amargo, sacudiu a poeira de sua colorida plumagem, passou o bico vagarosamente sob suas asas, sentiu o calor de sua pele, esticou as patas e voou para seu ninho. Melodiosamente entoou seu canto noturno.  
Dormiu cansado e mais uma vez sonhou com a ponte, e claro, com o que haveria do outro lado.

### **Boca de mulher**

"Tua boca brilhando, boca de mulher,  
Nem mel, nem mentira,  
O que ela me fez sofrer, o que ela me deu de prazer,  
O que de mim ninguém tira  
Carne da palavra, carne do silêncio,  
Minha paz e minha ira  
Boca, tua boca, boca, tua boca, cala minha boca"  
Caetano Veloso

A segunda coisa que noto em uma mulher é sua boca.  
Segunda digo pois primeiro são os olhos, é através deles que buscamos no ritual da conquista saber se teremos acesso àquela boca.

Bocas contam muito sobre as mulheres. E como suas bocas também contam coisas sobre o mundo. Segredos, intrigas, milagres, receitas e desfeitas.

Bocas de lábios finos me lembram professoras, freiras - severas educadoras. Prontas a nos corrigir mas sempre abertas/entreabertas a sussuros conspiradores.

As Carnudas, bom estas nos levam à adolescência, aos hormônios saindo por todos os poros, Darwin e sua teoria da evolução nos conta, estas carnudas e vermelhas bocas são um convite ao banquete da perpetuação da espécie. Uma provocação erótica, um chamado ao calor e prazer.

Algumas mulheres podem carregar uma afiada língua de trapo em suas bocas, outras um doce hálito orvalhado com gosto de madrugada verde, erva-doce.

Os peixes, dizem, morrem pela boca, nós primatas humanos morremos muitas vezes por uma boca de mulher. Doce e feliz morte/viva, puro êxtase, mel de flores silvestres, brisa gelada de montanha - quente/ardente.

"Boca, tua boca, boca, tua boca, cala minha boca".

Impossível ser feliz sem uma boca de mulher. Só quem não provou, só quem não provou...

### **Sem palavras**

Num lampejo de insensata lucidez rompeu com o mundo. Pediu demissão da família, da medíocre vida que levava, de tudo. Cansou, jogou a toalha. Não queria mais. A rotina parecia lhe carcomer a alma já triste o suficiente com o tudo à sua volta.

Não fez testamento, não praguejou. Simplesmente desistiu e pronto, parou.

Nu entrou no mar gelado, sentiu o cheiro salgado da espuma a empurrar-lhe o corpo. Sobre sua cabeça o negro céu da noite despedia-se dele, não haveria estrelas nem luas em seu derradeiro mergulho. Nada o salvaria de si mesmo e nem queria. Cansou, só isso.

Não, não é doce morrer no mar. Não era exatamente um final feliz. Para ele, a melancólica tristeza era seu testemunho final. Haveria outras vidas onde poderia se sentir melhor, mais produtivo, mais útil?

Prestes a descobrir lançou um último olhar para as luzes da cidade já longe na praia. Uma única última lágrima também salgada juntou-se ao infinito de águas negras. Afadigado foi-se.

### **Dizer Adeus**

Era ainda madrugada adentro. De tão frio nem grilos cantavam, pios de coruja haviam se silenciado,

corujas/encorujadas se aquietaram na tentativa de se aquecer, nem a fome as faria voar esta noite.

A lua exuberante em um céu estrelado – anunciavam geada. Uma única e pálida lamparina ardia na casa. Os movimentos eram cuidadosamente calculados para que nem um ruído acordasse a família. Vestiu-se devagar, sentado na cama. De minuto a minuto lançava um olhar para a mulher deitada ao seu lado. Só seus vastos e perfumados cabelos negros podiam ser vistos, escondida estava sob várias mantas multicoloridas de tear. Percebia-se sua respiração cadenciada; profundo sono; com certeza repleto de sonhos calmos/suaves. Quanto calor emanava daquele corpo oculto, que vontade de ficar e deitar-se ao seu lado, apertá-la contra seu corpo, amá-la, amá-la, amá-la.

Calçou a botina, seus dedos ainda doíam da lida do dia anterior, assim como as suas costas e braços. Envelhecia. Levantou-se mais lentamente ainda para que o já gasto catre não rangesse. Passou levemente as mãos nas pontas daqueles cabelos sedosos.

Caminhando para a porta do quarto, olhou furtivo em direção de sua companheira, as sombras de seus contornos dançavam nas paredes projetadas pela luz da lamparina que agora ele segurava. Não mais a via. Cômodo em breu. Parou à porta do quarto do filho, mantas espalhadas pelo chão, menino encolhido na cama. Ternamente recolheu as cobertas e cobriu seu garoto. Beijo na testa. O pequeno entreabriu os olhos e sorriu longe. Sentiu o calor voltando e sussurrando um "Eu te amo" para o pai, virou-se a dormir.

No quarto em frente, a filha. Menina-moça quase adulta, adolescente. Beijou-lhe rapidamente a face fria pelo vento que matreiramente insistia em entrar pela janela semi-aberta como que a trazer murmúrios de juras de amor de algum pretendente desconhecido. Fechou a janela rápido, espantou e apagou os recados, pai ciumento. Bebeu um gole de café frio, caminhou para a porta da varanda, apagou a lamparina. Escureceu a casa, escureceu sua alma, junto com aquela chama apagou-se também parte imensa de sua vida. Não podia, não sabia viver sem os seus. Partiu jurando voltar.

### **Sons noturnos**

Acordo no fim da noite, meio que de madrugada, aliás tem sido uma constante há muito, muito tempo. Perco o sono, nada que me faça achá-lo novamente. Sempre me ponho a prestar atenção nos sons da noite, hoje



não foi diferente. O alvorecer é por vezes barulhento. Esta noite em particular não havia grilos, nem Benjamim o sapo que mora no cano coaxou, amplificado por sua toca sempre querendo se fazer maior, o eco assusta outros bichos.

O primeiro a cantar foi o sabiá, triste que só. Parecia passarinho preso, mas não, este só devia estar melancólico, saudoso logo cedo quem sabe. Saudade de madrugada é pior, não tem remédio nem consolo, não passa, fica imensa, cresce com a noite e se agiganta. Espectral e cósmica saudade. Torvas lembranças.

Um som longe de ônibus saindo em primeira viagem faz fundo à escuridão.

O sabiá solista, ainda cantava só. Um pouquinho depois filhotes esfomeados em seus ninhos começam a desafinada arruaça da fome matutina, pedindo à mãe o desjejum; fome infinita.

Já ouço os periquitos chegando aos bandos para se lambuzarem no mel das arapuás na imensa e sombreada mamacadela do jardim. Todo amanhecer este repasto verde/emplumado se repete e as abelhas passam o resto do dia a reconstruir o que os periquitos roeram. Se fosse setembro as maritacas e papagaios já estariam em profusão nas goiabeiras.

Não ouço os galos.

Felizmente ruídos de gente humana são sempre raros por estas bandas, só bem mais tarde, mesmo assim, sempre ao longe.

Os urbanos pardais agora numa preguiceira, piam em desordem. Clarão amarelo avermelhado já se faz notar por detrás das árvores, tênue luz adentra o quarto.

Finalmente o despertar. Crianças, banho, cheiro de café, sonolentos rostos sorridentes de bom dia. Beijo da amada em terno e revigorante ritual de paixão.

O alvorecer é por vezes barulhento, sinal divino, reforça que estamos vivos, emoções/paixões/amores encantadoramente únicos, nossos sentimentos eternos.

### **Poema de agosto**

A coruja solta fria seu canto de dor.  
O cerrado sentido seco retorcido arde vermelho destruído.  
Fumaça e fuligem.  
O sol parado, observa calado.  
A coruja de toca perdeu sua cria.

Seu canto/pranto revolta.  
Quero-quero te coruja.  
Com você junto sofro.  
Por aquele que se diz homem-deus peço desculpas

## **Criança**

"Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão

Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem pra me dar a mão."  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Mato todo dia um pouco da criança que existe dentro de mim.

Mato esta criança toda vez que leio um jornal, que vejo televisão ou que leio um livro ruim, toda vez que praguejo; mato esta criança sempre que vejo alguém maltratar um velho, um bicho, uma planta, um a criança...

Mato esta criança sempre que ouço/recebo/devolvo ofensas, rancores, maus humores, maus amores.

Mato esta criança toda vez que penso em pessoas tristes, sozinhas, amargas, egoístas, gratuitamente agressivas. Mato esta criança quando na rua vejo a miséria de nosso povo, a violência espontânea, a fome, a doença e falta de esperança.

Mato esta criança quando tenho que escrever sobre guerras, doenças, morte, catástrofes, traições, subornos.

Mas sei que, se mato esta criança todo dia, a cada destes mesmos dias esta mesma criança renasce dentro mim sorridente, iluminada, suja de terra, pés descalços - soltando papagaio, face rosada, cheiro de jabuticaba e manga furtada me dizendo que devo acreditar na vida e eu encantado com sua ternura me rendo, reconsidero e esperançoso sigo adiante.

A criança que trago aqui dentro é uma lagarta peluda e venenosa, mas que todo dia se transforma na mais linda borboleta do universo e me acalenta.

## **Coração, há caminho?**

Meu coração à vezes parece a surreal Macondo, solidão centenária e chuva. Chuva copiosa e fria.

Em seus curtos períodos de estiagem cobre-se de densa bruma fria e impenetrável, como um pico de serra distante, inatingível.

Percebe-se às vezes na neblina silhueta furtiva que provoca redemoinhos fantasmagóricos a se mover em passos de dança. Ritmado balé, às vezes em sua direção, às vezes se afastando. Palpita aflito. Amor provocante, desconhecido.

Busca incansável por alento de fogueira, calor vermelho-fogo ardente e protetor.  
Busca eterna por paixão.

A esperança do fim da chuva, da bruma dissipada - vislumbre de um amor perfeito e eterno.  
Meu coração busca... busca... busca...

Não haverá descanso, portos-seguros não existirão. Praias desertas áridas de sol e sal serão suas trilhas. Dunas. Depois virão as florestas úmidas, verdes abafadas sufocantemente abafadas, então a muralha, a montanha de cumes brancos de nuvens entrecortadas por dourados alvoreceres.

Cem anos de solidão e chuva - a primavera com certeza se aproxima, meu coração em paz ficará.  
Ritmado, feliz, amando... amando... amando...

## **Cata-vento**

"Deus existe mesmo quando não há.  
Mas o diabo não precisa de haver para existir"  
João Guimarães Rosa

Pode botar mais um prato à mesa, pode consertar aquele banquinho velho de madeira de lei que está encostado no canto do paiol. Prenda os cães que não gostam de mim e me ameaçam na porteira, estou entrando.  
Recolha a roupa do varal que vem chuva.  
Se Quero-quero gritar lá do pasto, não pegue a velha "flobler" que calça bala 38; sou eu mesmo, meio trote em busca de luz, à cata de ventos melhores vindos do oriente onde o sol nasce quase sempre.  
Caipira que sou sei bem sabido:

"Se tiver poeira eu vou na frente,  
se tiver porteira eu vou no meio,  
se tiver atoleiro eu vou atrás".

Limpo os pés na enxada virada - fincada no chão, piso forte  
no alpendre de tábua gasta-corrída.  
Sinto o café torrado vindo da cozinha.  
Como é bom voltar.  
Os retratos antigos de vós e vós acabados à mão,

bochechas rosadas em papel amarelado me olham,  
aparentemente felizes.  
Passo pela imensa sala e só eu ouço seu cheiro doce.  
Tropeço na canastra coberta de couro, aquela com as  
iniciais de Vô Altino escritas com tachinhas, as mantas de  
tear ainda estão guardadas lá.  
Encosto no fogão quente com sua lenha-jóia. Tem lingüiça  
defumando.  
Saio para o quintal. Meus Deus, já é tempo jabuticaba.  
Choro!

### **Ausência**

Longe espero e reflito, vejo céu de baixas nuvens a  
sangrar;  
Busco concentrar na armadilha que estou armando - sou  
caçador de cores.  
Minha tela já repleta de falsas imagens parece pairar no  
silêncio da colina.

Chove. As frescas tintas escorrem como enxurradas  
lamacentas.  
A mistura criou vida.  
Um sopro divino sobre minha armadilha esteve.  
Não sinto mais tanto a sua falta.  
Sou caçador de cores.

### **29 de agosto (para Bia)**

Vinte e quatro anos, a paixão viva e forte como se fossem  
apenas vinte e quatro minutos;  
Vinte e quatro anos, amor de vinte e quatro séculos;  
Vinte e quatro anos,  
Vinte e quatro anos.

Quarenta e oito virão com paixão renovada a cada dia.  
Quarenta e oito mil e se repetirão.  
Amor eterno/terno/para sempre.

Paixão suave  
Paixão de 24 anos e é só o começo.

### **Resposta a Augusto**

Não Augusto,  
Dormiste cedo.  
À meia-noite não estaríamos em teu quarto,  
Recolhemo-nos bem mais tarde,  
à caça estamos para proteger-te de nocivos insetos que  
serão nosso repasto.

Não Augusto,  
Não queremos tua goela,  
É repugnante para a maioria de nós este teu escaldante  
molho;

Não Augusto,  
Não levante outra parede nem passe o ferrolho,  
nossos caminhos são outros,  
não somos sombras nem quiméricas visões, mas estes  
artifícios não impedirão nossa entrada.

Sim Augusto,  
Às vezes poderás nos ver em teu quarto, não como um olho,  
mas se pensares bem  
como um noturno anjo a velar teu mais profundo sono.  
Se, eventualmente,  
circundamos tua rede é apenas, novamente, para defender-te  
do ataques de pequenos e mordazes seres, estes sim, ávidos  
por tua seiva.

Não Augusto,  
Não nos ataque em histéricos movimentos de teu gládio,  
contenha teu ânimo belicoso guerreiro em pânico, jamais nos  
acertarás,  
ágeis somos, o tempo nos ensinou a escapar destes rompantes  
humanos.

Augusto,  
Terno ventre nos gerou,  
quente protetor de mãe zelosa, que ensina e educa.  
Somos feios?  
Tu ao nascer pois também não o foste?  
Mãe carinhosa a nos alimentar com mesmo leite que te fez  
grande poeta.

Não Augusto,  
não foi um feio parto, mas pura gênese,  
expressão maior da natureza

cósmica, indecifrável.

Não Augusto,  
Não somos a consciência-alma humana,  
os rios o são como canta Rosa:  
"Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas  
profundezas são tranqüilos  
e escuros como o sofrimento dos homens."

Entendemos teu medo,  
pois se aves de belas plumas fôssemos, por certo cantados  
em versos e paixão seríamos.  
Nossa presença talvez evoque teus mais profundos medos,  
tuas mais escondidas frustrações, teus amores impossíveis,  
a vida, Augusto, a vida.

Mas lembra-te Augusto,  
a mais pura e alva pomba, se em teu quarto estivesse  
(esta sim à meia-noite), não tardaria a despejar sobre ti  
descargas  
titânicas de excrementos-penas-pragas, e mesmo assim tu a  
perdoarias.

Leprince de Baumont vos ensinou humanos,  
a serem tolerantes com o diferente  
e nele buscar sempre o Belo e nunca a Fera.

Não derrubamos torres nem governos, Augusto.  
Vivemos harmoniosamente todos os setembros da eternidade  
Veja-nos com outros olhos augusto poeta, com outros olhos.

### **Borboleta**

Estranha cena. Uma sala de espera de um escritório, 22º andar, ar condicionado, muitas janelas, muito vidro. Silêncio de hospital, frieza tal e qual. Pessoas incompreensivelmente absortas em sentimentos indecifráveis, cumprimentos breves com a cabeça e mais nada. Ambiente de competição e de poucos amigos. Cotidiano. Distraído lancei olhar para um grande vaso de plantas num canto da sala. Vi movimento. Curioso me aproximei e para meu espanto, pousada em uma flor vermelha havia uma borboleta. Era uma borboleta comum, nem tão bonita quanto suas primas coloridas das matas, nem tão feia quanto suas outras parentes urbanas bruxas. Era apenas uma borboleta. Claro que se observássemos bem de pertinho, poderíamos notar discretos fios dourados ladeados de azul turquesa em suas asas, numa simetria singela mas perfeita.

Era uma borboleta vestida para o trabalho e não para uma festa de gala ou uma apresentação de B ejart no Op era National de Paris.

Fui at e a janela e tentei imaginar como esta frágil

criatura poderia ali ter chegado. Não havia praças, quintais e nem simples canteiros lá embaixo.

Se uma corrente de ar a trouxe, como entrou se as janelas fechadas isolavam o local do mundo de verdade?

As pessoas da sala disfarçadamente acompanhavam minhas idas e vindas - vaso janelas - deve ser louco, lia-se em suas expressões.

De volta ao vaso, desta vez decido a esclarecer este mistério.

Meus Deus! A flor   de plástico! Plástico mesmo, assim como todas as outras plantas do vaso, no lugar de terra pedras redondas e brancas!

A borboleta mesmo assim está ali e com sua trombinha enrolando e desenrolando parecia se deleitar com um néctar que com certeza ali não havia.

Fixei mais uma vez os olhos na pequena, pareceu olhar para todos na sala, um por um, depois me olhou com ternura, sorriu, piscou-me o olho e voltou sua atenção para a sua não-flor.

Eu não queria sair dali; tive medo de minha não-vida.

### **Minas**

(para Milton Nascimento)

Um pouco das Minas, das esquinas,  
dos clubes dos bares,

das montanhas sem mares;  
dos horizontes, das fontes, cachoeiras imensas, geladas;  
das águas paradas de lagos piscosos,  
dos rios murmurantes serpenteantes,  
das Gerais, das terras altas, das veredas estreitas,  
tortuosas

das gentes alegres, às vezes um tanto belicosas,  
das broas de fubá, da cozinha no quintal, do fogão de lenha  
da comida deliciosa

Dos sons imaginários  
De novas estrelas,  
De cenouras em feiras modernas,

Dos mil tons tão lindamente festejados,  
dos anjos, as vozes.

>' )  
( ( \'  
' \ \'  
|.....



**Um dedo de prosa, um pouco de verso** de William Henrique Stutz é licenciado sob uma [Licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-No Derivative Works 3.0 Brasil](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/).